



DOSSIÊ



## Os Usos Sociais dos Aplicativos de Relacionamento:

### Intersecções Entre Gênero, Sexualidade e Raça no Recôncavo Baiano

Marco Antonio Vieira de Oliveira PARANHOS, *Universidade Federal da Bahia*  
Maria Salete de Souza NERY, *Universidade Federal do Recôncavo Baiano*

O presente artigo remonta às discussões teóricas e empíricas realizadas após a conclusão de uma pesquisa social desenvolvida entre 2017-2019, que culminou na construção de uma dissertação de mestrado em ciências sociais intitulada *De olho no boy: identidades, consumo e afetividade em aplicativos de relacionamento*. O principal eixo desta investigação gira em torno da análise do usos sociais dos aplicativos de relacionamento (Grindr, Hornet e Scruff) por homens gays e bissexuais residentes nas diversas cidades que compõem o Recôncavo Baiano, região circundante à Baía de Todos-os-Santos. A análise, sobretudo, evidencia os aspectos identitários desses usuários (gênero, sexualidade, geração e raça), as relações de poder e consumo estabelecidas por meio dessas plataformas e a estruturação de um campo social, simbólico e afetivo para o grupo social em questão, através das diversas interações desenvolvidas nos referentes locais on-line. Na medida em que promove a reconstituição das argumentações preponderantes da pesquisa, este artigo também procura explicitar as diferenças presentes no uso dessas tecnologias a partir do contexto interiorano, em comparação com as mesmas negociações homoafetivas estabelecidas na capital baiana e demais centros urbanos no país, e como esses marcadores regionais influenciam, diretamente, no arcabouço estrutural desse campo e as suas respectivas práticas socioafetivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aplicativos de Relacionamento. Masculinidades. Homossexualidades. Relações Raciais. Recôncavo Baiano.



## Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir os usos sociais das novas tecnologias digitais móveis no que se refere a relações e práticas socioafetivas estabelecidas por jovens homens gays e bissexuais no contexto interiorano do Recôncavo Baiano. A pesquisa foi desenvolvida a partir da análise de três aplicativos de relacionamento específicos, voltados para o público homossexual masculino: o Grindr, o Hornet e o Scruff<sup>1</sup>. Buscamos compreender: 1) que tecnologias são essas e a finalidade para a qual foram desenvolvidas; 2) quem são esses homens que consomem tais serviços, principalmente na região destacada; 3) e o ordenamento pelo qual essas relações estão sendo desenvolvidas.

Os aplicativos de relacionamento tratados nessa investigação são apresentados enquanto tecnologias geossociais, operacionalizadas através de *smartphones* e demais dispositivos móveis<sup>2</sup> e desenvolvidas para promoção de múltiplas conexões entre diferentes grupos de pessoas, por meio de seus dados disponíveis em rede. São plataformas comerciais que funcionam na qualidade de ambientes digitais acessíveis ao estabelecimento da sociabilidade on-line, ao fomentar a criação de contatos pessoais diversos em uma nova e dinâmica forma de conceber a internet e suas respectivas engenharias.

Através do acesso individualizado e sigiloso, os usuários dos aplicativos estabelecem vínculos sociais de diferentes ordens, em associação com o inovador recurso da geolocalização, mecanismo próprio de localização físico-espacial das atuais tecnologias digitais móveis. Com isso, torna-se objetiva a disposição geográfica do usuário ao acessar o aplicativo em um determinado território – seja entre diferentes bairros de uma grande cidade, entre cidades vizinhas em uma mesma região, ou até ao realizar conexões transnacionais entre pessoas geolocalizadas em diferentes países.

---

<sup>1</sup> De autoria de Marco Antonio Paranhos, e sob financiamento da CAPES, a pesquisa de mestrado foi orientada pela Prof.<sup>a</sup> Maria Salete de Souza Nery. Ao final da obtenção dos dados empíricos e da redação da dissertação, a mesma foi defendida através do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, com o título: *De olho no boy – identidades, consumo e afetividade em aplicativos de relacionamento* (2019).

<sup>2</sup> Também são seus sinônimos: aplicativos de encontro, aplicativos de namoro, aplicativos de paquera e aplicativos de pegação.



## OS USOS SOCIAIS DOS APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO: INTERSECCÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NO RECÔNCAVO BAIANO

As relações sociais ocorridas nesses espaços fazem parte de um conjunto heterogêneo de processos de sociabilidade, nos quais os indivíduos se agregam de forma espontânea e por afinidades, procurando por aquilo que gostam ou têm interesse. De acordo com Miskolci (2014, p. 273), os aplicativos de busca por parceiros para dispositivos móveis surgiram em uma nova época de ocupação e circulação urbana, ligada à reorganização econômica, do trabalho, do lazer e do espaço social, ao promover novos formatos de relacionamentos afetivos, sob constantes transformações no presente contexto. São usuários que compartilham dos mesmos interesses, o que, nesse sentido, significa a busca por relacionamentos afetivos, de forma geral<sup>3</sup>.

Essas plataformas digitais alteraram o panorama do uso das tecnologias modernas, como também o próprio desenvolvimento da vida afetiva. Por conseguinte, um novo ciclo se estabeleceu, na medida em que essas novas mídias surgiam e que os antigos sites e salas de bate-papo saíam de cena (FINDEL et al., 2012, p. 07). Atualmente, há inúmeros serviços para atender as demandas específicas de determinados grupos de consumidores, em um segmento de mercado cada vez mais rico e diversificado, da mesma forma operacionalizado pelas antigas plataformas de “namoro on-line”, em que havia a autosseleção por nichos através de salas privativas.

Em 2009, após a criação do segundo modelo de iPhone, dessa vez com a inclusão do sistema de posicionamento global (GPS), foi possível o desenvolvimento dos primeiros aplicativos de relacionamento geolocalizados, sendo que o primeiro deles viria a ser o Grindr, desenvolvido no mesmo ano pelo jovem empresário israelense Joel Simkhai, e destinado a homens que buscavam por outros homens em uma mesma região. Na época, Simkhai tinha 33 anos, morava na cidade de Los Angeles, no estado da Califórnia, e tinha a pretensão de solucionar uma grande problemática para a homossexualidade contemporânea: “como encontrar outros homens gays na cidade onde moro?”. O Grindr foi a sua resposta tecnológica para essa questão, muito similar para outros homens gays, em diferentes países e em contextos distintos (MISKOLCI, 2017, p. 119).

---

<sup>3</sup> A compreensão de relacionamento afetivo adotado nesta pesquisa compreende as suas formas amistosas, amorosas e sexuais, sem necessariamente segmentá-las (PARANHOS, 2019).



Nos anos seguintes, desenvolvidos por outras empresas, vieram os aplicativos similares: Scruff (2010) e Hornet (2011)<sup>4</sup>. De forma simplificada, esses dispositivos passaram a funcionar como uma espécie de “radar gay” (popularmente conhecido como *gaydar*)<sup>5</sup>, ao buscar os outros usuários com contas ativas no serviço, exibindo, em uma lista organizada, somente aqueles que se encontram geograficamente mais próximos da sua localização atual – distribuídos entre o mais próximo até o mais distante. Os aplicativos possibilitaram, dessa forma, uma nova forma de interação georreferenciada, marcada, na sua versão em português, através do sistema métrico (em metros ou quilômetros), e com a alta probabilidade de resultar em encontros face a face.

Conhecidos popularmente como *apps gays*, esses três aplicativos de relacionamento, destinados ao público-consumidor homossexual masculino, demandam apresentações, códigos e agências próprias, distintas em relação às outras mídias disponíveis no mercado, sobretudo a partir da articulação entre afetividade, identidades de gênero e performances sexuais. Particularmente, essas novas mídias surgiram, de fato, para reivindicar uma nova ordem afetiva, ao englobar as formas estabelecidas de relacionamento face a face com essas novas roupagens da comunicação mediada digitalmente, compreendidas como partes integrantes da constituição de um campo social simbólico específico, estruturado por esses agentes dos serviços e as suas respectivas práticas socioafetivas.

Famosos entre a comunidade LGBTQI+, dentro e fora do país, esses serviços on-line são entendidos enquanto similares para o senso comum, ao possuírem estruturas que operam sob os mesmos modos de

---

<sup>4</sup> O Tinder, talvez o mais famoso aplicativo de relacionamento contemporâneo, só foi criado em 2012, pela iniciativa de jovens estudantes da Universidade do Sul da Califórnia, nos Estados Unidos. Além de possuir outra forma estrutural de operação, ao adotar o sistema algorítmico de *matches* (combinações) entre os usuários, o Tinder também passa a não se enquadrar no perfil de um aplicativo de relacionamento voltado somente para público gay. Muito pelo contrário, torna-se fato que, apesar de fomentar *matches* entre diferentes sexualidades e gêneros, o seu funcionamento geral se estabelece em torno da manutenção de um ideal de heterossexualidade enquanto ordem social (PARANHOS, 2019, p. 39-40).

<sup>5</sup> O termo êmico *gaydar* refere-se a uma espécie de “faro” ou “sexto sentido”, arraigado na gramática da comunidade LGBTQI+, na identificação e/ou reconhecimento de demais sujeitos com sexualidades dissidentes, adotado, principalmente, na detecção dos mesmos em espaços heteronormativos, em que o indivíduo não pode, assim, se expressar livremente (“dar pinta”). O termo ainda faz referência a um aplicativo de relacionamento homônimo disponível gratuitamente nas lojas virtuais *PlayStore* (Sistema Android) e *AppStore* (Sistema iOS), assim como os demais aplicativos analisados nessa investigação.



funcionamento. Contudo, apesar de terem sido desenvolvidos e projetados enquanto meios tecnológicos para promoção da sociabilidade on-line entre homens gays, essas plataformas, também, tendem a abarcar outros gêneros e sexualidades, como homens bissexuais, os homens que se afirmam enquanto heterossexuais, ou somente aqueles pertencentes à categoria HSH (homens que se relacionam com outros homens mas que não se definem enquanto gays ou bissexuais). Em contrapartida, esses aplicativos também são utilizados por pessoas cisgêneros, transgêneros, travestis, *queer* e não-binários, em uma variada gama de relacionamentos possíveis.

A escolha dos aplicativos nesse estudo ateu-se a essa popularidade, presente, sobretudo, na própria comunidade gay - nacional e internacionalmente -, em termos, inclusive, de que respondem ao expressivo número de *downloads* dessas plataformas por país, principalmente entre o público mais jovem. Após a seleção do Grindr, Hornet e Scruff, na qualidade de objeto dessa pesquisa, a investigação empírica caminhou para uma análise etnográfica acerca dessa nova ordem de consumo, em alinhamento com as mais recentes pesquisas acadêmicas sobre os usos dos mesmos, embora a grande maioria delas estivesse ainda centralizada no Sudeste Brasileiro, ou também em outros países, como é o caso dos Estados Unidos.

Nesse sentido, é ainda tímida a quantidade de produções científicas sobre os usos dos mesmos aplicativos em outras regiões do Brasil, como, por exemplo, a região Nordeste, e até então nenhuma pesquisa havia tratado dessa dinâmica no território do Recôncavo Baiano, e concomitantemente, ao tratar de uma de suas especificidades: a realidade de um contexto extremamente racializado (PARANHOS, 2019, p. 15).

Sendo assim, a pesquisa, teoricamente, partiu do contato com a bibliografia selecionada sobre o tema escolhido, a partir de três principais eixos analíticos: o primeiro enquanto os estudos socioantropológicos sobre as relações de consumo, ao compreender o processo de mercantilização de si (comodificação) e o consumo dos outros no interior desses espaços on-line, ou seja, no papel dos agentes enquanto *consumidores-produtos*. Na medida em que realizam o consumo do serviço, esses usuários também passam a exercer a postura de mercadorias disponíveis, sob o título de produtos a serem comercializados nessa economia afetiva, tendo como objetivo principal, assim, serem consumidos pelos demais usuários incorporados a essa mesma estrutura (BAUMAN, 2008, p. 13).





O consumo social e simbólico dos aplicativos efetiva-se, sobretudo, através dos *downloads* e atualizações das plataformas, da produção incessante de dados digitais por esses usuários e dos inúmeros acessos aos dispositivos conectados em rede; das interações sociais diversas realizadas no interior desses ambientes (das convencionais trocas de mensagens até as recentes inserções de compartilhamento de áudios e chamadas de vídeo); das imagens exibidas e compartilhadas; dos discursos proferidos nas apresentações e nos *chats*; e dos elementos identitários acionados na construção dos perfis on-line, em especial aqui, na intersecção presente entre os marcadores sociais da diferença de gênero, sexualidade e raça.

O segundo eixo que integra a parte teórica e metodológica da pesquisa se configura no estudo do processo de constituição das próprias relações socioafetivas nesses espaços. Origina-se um verdadeiro campo afetivo, estruturado de forma simbólica para os usuários desses serviços, enquanto também relações de poder e consumo, pautadas nas disposições de capitais próprios, distribuídos de diferentes formas entre os variados perfis de consumidores, em conjunto com as suas trajetórias, desenvolvidas ao longo da permanência no curso dos aplicativos (de sucesso e/ou fracasso) e nas respectivas posições estratégicas ocupadas no interior dessa estrutura simbólica (a distinção entre os usuários e o agrupamento por classes); ademais no que se refere à satisfação e felicidade dos consumidores com o serviço e suas mercadorias (nesse caso, os próprios usuários com quem interagiram), assim como ao sistema de valorização/desvalorização dos perfis e à classificação dos gostos (PARANHOS, 2019, p. 15-16).

Nesse aspecto, os estudos da sociologia do consumo somam-se ao arcabouço da teoria dos campos sociais simbólicos e à literatura praxeológica de Pierre Bourdieu (2007), com as emergentes elaborações acerca da sociologia digital atrelada à sociologia do desejo, ambas traçadas através das reflexões do sociólogo Richard Miskolci (2017), principal nome ligado aos estudos sobre aplicativos de relacionamento no país. Compreende-se, através dessas pesquisas, que a afetividade contemporânea se encontra estruturada a partir de uma “nova economia” que emerge logo após o advento dessas novas mídias digitais móveis.

E, por fim, o terceiro e último eixo refere-se à análise das identidades dos usuários entrevistados, com base nos diversos elementos de apresentação (imagéticos e textuais) ilustrados através de seus perfis on-line, como raça, gênero, geração, sexualidade, corporalidade, etc. Tais



aspectos tornam-se centrais para a apresentação de si nesse campo, assim como para a identificação do outro nos processos de busca. Além disso, esses elementos interseccionados também fazem parte da mesma estrutura que alicerça o estabelecimento das relações socioafetivas, mediadas através do consumo dessas mídias.

Em relação aos recursos metodológicos e incursões etnográficas no campo on-line, foram realizados três procedimentos combinados: o primeiro caracterizou-se pela observação sem as devidas interações, por meio da prática denominada *lurking*, em referência a esse tipo de postura em que os pesquisadores apenas observam determinados grupos sociais, com baixa interferência: a “não-interferência” em grau absoluto seria praticamente impossível, visto que as presenças, seja através da internet e ainda que não anunciadas, afetam, de certo modo, o próprio objeto de estudo (POLIVANOV, 2013, p. 04).

O segundo procedimento está ligado à ação oposta, com a observação-participante dos pesquisadores, para a dissecação das estruturas dos aplicativos: os modos como operavam, as semelhanças e as diferenças que existiam entre eles, bem como as características gerais e específicas dos tipos de perfis que neles se apresentavam, a partir da geolocalização dos mesmos no território do Recôncavo Baiano, em comparação com outros territórios na Bahia, como as regiões metropolitanas de Salvador e Feira de Santana. Em conjunto, foram realizadas trocas de mensagens com os usuários dos aplicativos, sob o objetivo de selecionar um grupo para a realização da última etapa da pesquisa de campo: as entrevistas.

Ainda nessa segunda etapa, realizada entre 2017-2018, os usuários foram analisados em relação às imagens utilizadas enquanto suas “fotos de perfil”, em associação com as demais categorias identitárias elencadas nas apresentações, a partir das configurações internas de cada aplicativo; e, também, em relação aos conteúdos disponibilizados em suas caixas textuais. Para a realização desse segundo método de pesquisa, foi necessário a assinatura de perfis pagos nos três aplicativos de relacionamento, enquanto um recurso avançado para os usuários do serviço, ao reunir todas as funcionalidades para além de suas versões gratuitas<sup>6</sup>. Por fim, todo material obtido, textual e imagético, desde a

---

<sup>6</sup> Cada um dos aplicativos analisados dispõe de versões pagas e gratuitas. A versão paga do Grindr (Grindr Xtra) encontra-se disponível nas seguintes formas de assinatura: um mês + teste grátis por sete dias por R\$ 36,90, três meses por R\$ 74,90, seis meses por R\$ 124,90 e um ano por R\$ 187,90. A versão para assinantes do Hornet (Hornet Premium) com os pacotes: um mês por R\$ 25,90, três meses por R\$



primeira etapa de observação, foi devidamente armazenado tanto no formato de *screenshots*<sup>7</sup>, quanto em anotações em diários de campo.

Em suma, nessa pesquisa, a maior concentração de fato ocorreu em relação aos homens gays e no tratamento analítico de como eles se classificavam como tais: apresentação on-line; construção dos seus perfis e as práticas desenvolvidas no ciberespaço; como e porque usavam os aplicativos, e quais eram as suas diferentes necessidades físicas, socioafetivas e psicológicas presentes ao realizar o consumo desses serviços.

Por fim, na qualidade de terceiro e último procedimento de pesquisa combinada, foram realizadas 20 entrevistas on-line semiestruturadas com os usuários geolocalizados no Recôncavo, no interior dos respectivos aplicativos de relacionamento Grindr (10), Scruff (05) e Hornet (05), sendo este grupo formado, na sua maioria, por homens gays. Na amostragem, contudo, foram incluídos, também, os perfis de três homens bissexuais e as suas respectivas opiniões sobre o universo dos aplicativos, no intuito de contrastar com as diferentes formas de masculinidade presentes na composição dessas estruturas simbólicas.

Todas as entrevistas foram realizadas no interior dos próprios aplicativos, através de trocas sistemáticas de mensagens de texto com os colaboradores dessa pesquisa. Para a realização desse empenho etnográfico, tornou-se necessária, também, a defesa do espaço digital como um ambiente metodologicamente válido para a elaboração e efetuação de uma investigação empírica nas ciências sociais (PARANHOS, 2019, p. 21).

## **Login: entrando na era dos aplicativos**

Os aplicativos de relacionamento se revelaram enquanto descendentes diretos de outras plataformas de sociabilidade em rede, em especial dos sites de “namoro on-line” e das já quase abandonadas salas de bate-papo virtual (MISKOLCI, 2017, p. 219). Suas estruturas de funcionamento se encontram presentes nestas e em outras opções de

---

22,63/mês e um ano por R\$8,16/mês; e a versão Scruff Pro: um mês de assinatura por R\$ 15,90/mês; três meses de assinatura por R\$ 13,96/mês e um ano de assinatura por R\$ 11,07/mês. Foram escolhidas as assinaturas referentes ao período de um ano, em cada aplicativo analisado.

<sup>7</sup> Um *screenshot* consiste em uma imagem dos dados exibidos na tela de um computador ou dispositivo móvel, enquanto uma captura de imagem, também conhecido como *print* (PARANHOS, 2019, p. 19).





dispositivos contemporâneos de interação social, como as redes sociais, a exemplo do Facebook, Twitter e Instagram, e nos aplicativos de comunicação instantânea, como o WhatsApp, Telegram e o Skype. Nessa espécie de linha evolutiva das plataformas, enquanto base de aproximação, mantém-se a possibilidade de seleção dos parceiros como o grande atrativo midiático (op. cit., p. 220).

Esses novos formatos de mídia digital, provenientes das recentes transformações na afetividade contemporânea, em convergência com os diversos desdobramentos da cibercultura e da globalização, alteraram as configurações afetivas nas últimas décadas, para os mais distintos públicos, sobretudo no que tange às relações desenvolvidas especificamente através do meio on-line, seja por meio da repaginação das antigas formas de sociabilidade, assim como o surgimento de novos modelos de relacionamentos afetivos.

No caso dos *apps gays*, a visão que se sobrepõe corresponde a uma certa reinvenção dos espaços comuns de homosociabilidade, como os bares e boates gays. Esses ambientes, que dominaram o cotidiano homosocial nas décadas pré-internet, tornaram-se popularmente conhecidos pela promoção da interação constante entre os seus membros, sendo a maioria constituída por homens gays, ao desenvolver verdadeiras redes de contato e afetividade, a partir do compartilhamento de suas vivências afetivas, das livres expressões dos desejos e prazeres e das diferentes performances sexuais e de gênero.

Sharif Mowlabocus (2010) constata o fato de que o surgimento dos aplicativos de relacionamento, inicialmente, estava voltado somente para a promoção da busca por sexo rápido e imediato entre homens gays, naquilo que Miskolci (2014; 2017) identificou enquanto parte integrante da crescente *Cultura do Hook Up*, instaurada, principalmente, no contexto norte-americano. Conhecida localmente como a “cultura da pegação” (ou ainda como *fast-foda*), essa nova forma sociocultural, praticada principalmente entre os mais jovens – e sendo um traço comportamental contemporâneo presente também entre os heterossexuais –, tende, assim, a fomentar o uso dessas mídias digitais somente para os fins de busca por parceiros sexuais, sob o intuito de obter relações casuais/descompromissadas, marcadas, na sua maior parte, entre desconhecidos geograficamente próximos.

Entretanto, é importante salientar que essas plataformas são capazes de agenciar uma extensa variedade de interações, além de



estabelecer certa multiplicidade nas formas de relacionamento, tanto através das posteriores relações face a face (off-line), após o contato inicial ser travado através do uso da internet, ou até ao manter a interação social somente em vias on-line: busca por relacionamentos abertos e fechados, relações grupais e poliamorosas, *ménage à trois*, *brotheragem*, *gouinage*, *cibersexo*, grupos de sexo e práticas sexuais específicas, prostituição on-line (masculina e feminina), compra e venda digital de drogas ilícitas, entre outros.

Alguns colaboradores dessa pesquisa relataram que utilizavam essas mídias, até mesmo, para a busca por inclusão social, em virtude da falta de espaços próprios para a sociabilidade homoafetiva na região do Recôncavo Baiano, ao transformar esses ambientes on-line em novos (e talvez únicos) espaços de sociabilidade possíveis entre os pares locais. Associado a esse cenário, firma-se também a livre expressão de suas identidades, desejos e prazeres, em um território em que predominam os valores familistas, conservadores e heterossexuais, típicos de contextos interioranos no país. Dessa forma, os aplicativos de relacionamento passam a promover a construção de novas redes de amizade e contato, extremamente úteis, principalmente, no contexto do Recôncavo, onde a população LGBTQI+ se encontra dispersa entre as cidades próximas da região.

## ***Tem local? O Recôncavo Baiano como geolocalização***

O Recôncavo Baiano, a *crescente-fértil* da Bahia (PEDRÃO, 1998, p. 219), localizado em torno da Baía de Todos-os-Santos, se apresenta enquanto um território marcado, principalmente, pela sua ampla diversidade socioeconômica, com marcante vocação para o turismo e famoso pela sua efervescência cultural, por meio das celebrações dos diversos festejos populares, muitos deles ligados à forte herança de matriz africana presente na região.

Por ser uma região de população majoritariamente negra e influenciada historicamente pela cultura afro-brasileira, torna-se reconhecida a imagem do Recôncavo enquanto esse importante cenário de construções socioculturais, econômicas e políticas específicas dentro da própria cultura baiana. A simbologia que ainda permanece da região é de um lugar “místico”, a *terra dos feitiços*, título dado, principalmente, em relação ao alto número de terreiros de candomblé em cidades como



Cachoeira, São Félix e Santo Amaro. Com essa visão remanescente desde o período colonial, o Recôncavo se constrói a partir de um tipo peculiar de sociedade, que mescla o passado da Bahia Colonial com as novidades do presente cosmopolita, principalmente no que se refere aos desdobramentos da cibercultura.

De acordo com o *Perfil Sintético sobre os Territórios de Identidade da Bahia*<sup>8</sup>, apresentado pelo Governo do Estado, em 2015, o território do Recôncavo é composto por vinte municípios, de pequeno e médio porte, sendo estes: Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara e Varzedo.

Essas cidades possuem uma dinâmica interna próxima à realidade dos demais territórios do interior do país, no qual os aspectos urbanos e rurais se encontram em um íntimo estágio de convergência. Trata-se de uma região marcada, sobretudo, pelas relações familistas, de parentesco e vizinhança, sendo que a maior parte das suas cidades conta com um pequeno número de habitantes, a exemplo de Cachoeira com aproximadamente 30 mil habitantes e São Félix, sua vizinha-irmã, em torno de 15 mil.

Em contrapartida, o Recôncavo também apresenta cidades com o contingente populacional acima dos 50 mil habitantes, como é o caso de São Francisco do Conde, Santo Antônio de Jesus e Cruz das Almas, que nesse sentido, apesar do crescimento urbano e de suas respectivas transformações espaciais, mantém certos aspectos de uma tipologia de “cidade do interior”, que ainda permanece sobre as construções sociais locais, em específico, no que se refere às configurações afetivas.

Em conjunto a esse cenário, há a manutenção dos aspectos heteronormativos e conservadores, típicos de contextos interioranos, que impõem restrições às livres expressões identitárias e afetivas, em especial aqui para os homens gays e bissexuais da região. Em uma tentativa de fugir das violências e interdições morais presentes nos espaços sociais públicos, a população LGBTQI+ tende a buscar o ambiente on-line enquanto uma realidade prática de sociabilidade. A internet permitiu a

---

<sup>8</sup> Os Perfis Sintéticos dos Territórios de Identidade da Bahia têm o propósito de oferecer um conjunto de informações básicas sobre a realidade de cada um dos 27 territórios baianos, que são utilizados como unidade de planejamento pelo Governo da Bahia (2015).



vida social em rede, de forma relativamente segura, para essas pessoas que temiam as retaliações da sociedade heteronormativa, permitindo um contato efetivo entre parceiros amorosos/sexuais e o estabelecimento de amizades virtuais diversas (MISKOLCI, 2017, p. 230-232).

Na caracterização de novos espaços de sociabilidade on-line, os aplicativos de relacionamento funcionam na qualidade de campos possíveis para interação social simbólica, ao reforçar as construções estabelecidas em torno dos ideais de comunidade, consumo, estilo de vida e pertencimento identitário, composto por aqueles que compartilham das mesmas orientações sexuais e identidades de gênero. Além disso, são entendidos enquanto novas realidades práticas, principalmente no que se refere ao território do Recôncavo Baiano, em virtude da falta de espaços específicos para a sociabilidade entre pares nessas cidades, diferentemente do que ocorre em relação à capital baiana e demais metrópoles do estado.

Em Salvador, há a presença de consideráveis circuitos de sociabilidade e consumo voltados para o público homossexual, como boates, bares e festas, assim como ocorre nas demais capitais brasileiras, o que fomenta a construção de círculos específicos de amizade e maiores opções para encontros amorosos e sexuais. Tanto em contextos urbanos, como é o caso do soteropolitano, mas sobretudo para as cidades do interior do Estado da Bahia, os aplicativos passaram a operar enquanto meios de interligar essas populações, distribuídas entre as diferentes localidades de uma mesma região.

Nas cidades do interior, como é o caso do contexto aqui estudado, a internet permitiu a criação de redes de contatos desterritorializadas, em novos fluxos comunicacionais e interacionais. As distâncias espaciais, geográficas e temporais não são mais consideradas como impedimentos para o estabelecimento de relações sociais entre essas pessoas. Os espaços on-line, assim, se estendem, ao aproximar os indivíduos que vivem tanto nos grandes centros urbanos, como também nas periferias, nas cidades médias e pequenas ou até mesmo na zona rural (MISKOLCI, 2017, p. 167-168).

## **Perfil: masculinidades interseccionadas no interior da Bahia**



A editoração do perfil se inicia através das seções de configuração, em que o usuário pode inserir uma imagem pessoal, através do arquivo de fotografias presente na memória do seu *smartphone*, em conjunto com as demais informações particulares ao serem disponibilizadas em rede, como o “nome de exibição” (também conhecido como *username*, *user*, *nickname* e/ou nome do usuário), ao tornar-se, assim, visível aos demais.

A configuração pessoal de um perfil em aplicativos de relacionamento ainda dispõe de seções de apresentação como “Sobre mim” (ou *About*), enquanto caixas textuais próprias para que o usuário possa textualizar algo sobre si, ao afirmar os seus gostos e interesses, elencando os elementos identitários ligados ao seu gênero, raça, sexualidade, tipo físico, e outros e, ainda, informar o que busca e aquilo que não quer encontrar, ao mostrar os diferentes traços de sua identidade nesses ambientes digitais.

Dentre essas e outras informações, os aplicativos também permitem a exibição de fotos (parciais ou totais do indivíduo), idade, detalhes sobre interesses e *hobbies*, preferências afetivas (tanto de qual perfil busca, quanto qual será a forma de relacionamento a ser desenvolvida), entre outros. O *design* dessas mídias tende, assim, a moldar as possibilidades em, ao menos, dois aspectos principais: as fotografias digitais inseridas nos perfis, que constituem a parte mais central, visível e atraente dos perfis; e a autodefinição em uma lista de classificações, inspiradas por diversos recursos midiáticos ao longo da história da cultura LGBTQI+, disseminados, principalmente, através da pornografia gay. Com isso, o usuário passa a se identificar – e também a atrair outros – a partir do estilo e práticas sexuais específicas (MISKOLCI, 2017, p. 244).

Os usuários tendem a construir perfis que expõem – de acordo com as políticas de uso dos aplicativos – seu rosto e/ou seu corpo (total ou em partes) em posturas que evocam as construções sociohistóricas padronizadas pelos veículos midiáticos voltados para os homens gays. A exposição de corpos, associada à vestimentas, poses, marcas e expressões estéticas do universo masculino, recorrente nos *apps gays*, tende, de certa forma, a reforçar os ideais de virilidade para esses homens, ao valorizar os diferentes aspectos ligados à construção tipificada da masculinidade hegemônica.

Para Michael Kimmel (1998, p. 105), tanto a virilidade quanto os modelos de masculinidade se estabelecem enquanto construções sociais





imersas em uma complexa rede de relações de poder, reforçadas através de diversas operações culturais e desenvolvidas ao longo da história, ao serem pautadas por inúmeras negações e negociações, estabelecidas em determinados contextos.

De maneira distintiva, atributos sociais foram utilizados para definir as representações equivalentes ao masculino, por meio de práticas, modos comportamentais, vestuários, *héxis* corporais, etc. Com isso, foram construídas, ao longo da história e cultura ocidental, formas específicas das performances padronizadas de gênero, enquanto modelos a serem seguidos de como ser homem, apesar das possibilidades existentes de inovações e/ou desvios de diversas ordens.

A masculinidade, dessa forma, passa a se instituir enquanto um conjunto de significados, estruturado através das relações sociais de poder desenvolvidas entre os gêneros, enquanto configurações de práticas que são realizadas através da ação social e, dessa forma, podem diferenciar-se de acordo com o cenário social particular (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250).

Sob a sua tipologia idealizada, a elaboração da masculinidade hegemônica emerge através da sua qualidade em se distinguir das demais formas presentes, especialmente no que compete às masculinidades subordinadas. Em um caráter normativo, a masculinidade hegemônica incorpora a forma mais “honrada” de ser um homem, ao exigir que todos os outros se posicionem em relação a ela. Nesse sentido, o conceito de masculinidade hegemônica passa a ser entendido na qualidade de um *habitus*, um sistema de disposições que estrutura as práticas, e que por elas torna-se estruturado (BOURDIEU, 2007).

No desenvolvimento do conceito, divisões foram realizadas entre os homens, especialmente na exclusão, marginalização e subordinação daqueles que divergiam dos padrões convencionalmente estabelecidos de virilidade/masculinidade, como, por exemplo, os homens homossexuais e os homens negros (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Para Kimmel (1997, p. 49-50), a compreensão dessas construções de virilidade e masculinidade giram em torno de um arcabouço cultural-histórico e, portanto, socialmente construído por meio de técnicas, práticas e comportamentos que capacitam tais indivíduos enquanto verdadeiramente masculinos.

Não se trata de uma manifestação advinda de uma essência interior, nem de uma consciência elevada a partir de componentes



biológicos, mas enquanto uma capacidade de reprodução de um modelo, sexual e social, aprendido e desenvolvido através do exercício da violência, não apenas física, mas também simbólica. São elementos eminentemente relacionais, construídos pelos homens, para outros homens e contra a feminilidade (BOURDIEU, 2002, p. 64).

Nos aplicativos de relacionamento analisados, a virilidade torna-se um dos elementos de hierarquização, valorização e diferenciação entre os usuários. A busca por parceiros, desde os amorosos até os sexuais, é perpassada por valores referentes à masculinidade hegemônica, em que o homem caracterizado enquanto desejado e desejável seria aquele que, de certa forma, consegue se apresentar como mais viril possível nessa estrutura - o mais másculo/o “mais macho”. Em seus perfis, os usuários procuram reforçar os padrões instituídos das formas convencionais (e aceitáveis) de masculinidade, além da busca incessante por homens que consigam performar tais aspectos.

O padrão estabelecido conforma a imagem do “homem de verdade” enquanto aquele que obtém uma performance de masculinidade, por meio dessas características válidas. A mesma imagem é referência em se tratando de homens com sexualidade homo-orientada, apesar de o senso comum querer afastar tais elementos dos homens homossexuais, resguardando-os enquanto constitutivos somente aos homens que correspondem à ordem heterossexual.

Através da efetuação de entrevistas semiestruturadas, durante a investigação etnográfica realizada entre 2017-2018, a pesquisa pôde obter o perfil de alguns dos usuários presentes na região do Recôncavo, por meio das suas diferentes performances de gênero e sexualidade, da multiplicidade de corpos e raças, e das respectivas práticas afetivas e estilos de consumo realizadas nessas plataformas on-line.

No quadro abaixo (Quadro 1), há a ilustração desses perfis através de nomes fictícios, empregados no intuito de proteger as identidades dos colaboradores, sendo estes classificados por meio dos aplicativos utilizados, da cidade de domicílio no Recôncavo, além da faixa etária, raça, orientação e preferência sexual:

**Quadro 1: Perfil dos entrevistados**

NOME	APLICATIVO	CIDADE	IDADE	RAÇA	ORIENTAÇÃO	POSIÇÃO
Alan	Grindr	Muritiba	22 anos	Negro	Homossexual	Versátil
Antonio	Grindr	Cruz das Almas	22 anos	Negro	Homossexual	Versátil-Ativo
Arthur	Grindr	Santo Amaro	21 anos	Negro	Homossexual	Passivo
Caio	Scruff	Cachoeira	19 anos	Negro	Homossexual	Versátil
Iago	Scruff	São Felipe	26 anos	Negro	Bissexual	Versátil
Jean	Hornet	Muritiba	18 anos	Branco	Homossexual	Versátil
João	Hornet	Cruz das Almas	21 anos	Negro	Homossexual	Passivo
Junior	Grindr	Santo Amaro	19 anos	Negro	Bissexual	Versátil
Leonardo	Hornet	Cruz das Almas	19 anos	Negro	Homossexual	Versátil
Marcelo	Grindr	Sapeaçu	22 anos	Negro	Homossexual	Passivo
Matheus	Scruff	Cruz das Almas	23 anos	Negro	Homossexual	Versátil
Micael	Scruff	Cruz das Almas	26 anos	Branco	Homossexual	Passivo
Pedro	Grindr	Cachoeira	22 anos	Negro	Homossexual	Versátil
Rafael	Hornet	Santo Amaro	18 anos	Negro	Homossexual	Passivo
Ricardo	Grindr	Cruz das Almas	21 anos	Negro	Homossexual	Versátil
Rômulo	Hornet	Cruz das Almas	19 anos	Negro	Bissexual	Versátil
Silas	Scruff	Cruz das Almas	18 anos	Negro	Homossexual	Passivo
Tomaz	Grindr	Cruz das Almas	26 anos	Negro	Homossexual	Passivo
Vinicius	Grindr	Sapeaçu	23 anos	Negro	Homossexual	Ativo
William	Grindr	Muritiba	20 anos	Negro	Homossexual	Versátil

*Fonte: Elaboração Própria.*

Durante a realização das entrevistas, ao questionar a Caio sobre a sua identidade de gênero, o colaborador, prontamente, respondeu: “Sou bem macho! Eu sou cabra macho!”. Para ele, a sexualidade homo-orientada poderia apontar uma provável perda na sua masculinidade, ou em uma possível visão da feminilização da sua homossexualidade. Era importante para Caio reafirmar que era um homem (ou elevar seu gênero ao quadrado), para não transparecer o contrário (PARANHOS, 2019, p. 95). Para Miskolci (2017, p. 87), tal interpretação traduz-se em uma demanda redobrada dos homens que sentem desejo por outros homens, enquanto uma prova de sua masculinidade.

Na construção dos aplicativos, um apelo foi realizado em torno do uso de imagens já consolidadas do universo masculino, como as que



figuravam os antigos sites de relacionamento e os sites pornográficos, no qual os homens ilustrados estavam mais próximos do padrão másculo/viril e afastados das imagens mais afeminadas, atribuídas historicamente aos homens gays. Além da centralidade do gênero masculino nessas mídias, mas também associada a ela, é crescente a recusa à afirmação do afeminamento, à passividade sexual (a posição de penetrado na relação sexual), potencialmente associada à feminilidade. Em função disso, ocorrem as buscas do tipo “ativo buscando ativo” ou identificações similares a “passivo-macho”, enquanto estratégias recorrentes de se apresentar como másculo, sem necessariamente ser sexualmente ativo ou versátil (MISKOLCI, 2017, p. 238).

Nesse regime de apresentação dos aplicativos de relacionamento, o que ocorre é a recusa e o potencial apagamento da figura da “bicha”, estereótipo culturalmente arraigado na sociedade brasileira como a quintessência do homossexual (op. cit., p. 238). A bicha, portanto, passa a ser entendida enquanto a imagem do homossexual reconhecido através da sua suposta feminilidade, como sendo aquele que, nos termos preponderantes dos aplicativos, se torna classificável enquanto insuficientemente viril para os padrões instituídos e aceitáveis da masculinidade hegemônica.

Entre os 20 (vinte) colaboradores desta pesquisa, apenas 02 (dois) usuários se identificaram enquanto “afeminados”; 03 (três) deles informaram que “buscam ou se relacionam com afeminados”. Os dados obtidos corroboram com os mesmos observados por Luiz F. Zago (2009), em que nesse tipo de pesquisa há um número mínimo de perfis que se apresentam enquanto “afeminados” ou possuem “preferências por afeminados”, em virtude da heteronormatividade vigente na estrutura dessas mídias.

Me classifico como macho! (...) Não tenho preferência. Só não curto homens afeminados. Nada contra, só não curto me relacionar sexualmente com afeminados (Iago, usuário do app Scruff, 26 anos, negro, bissexual, solteiro, servidor público, natural da cidade de São Felipe e sexualmente versátil. Entrevistado em 15/04/2018).

Tem aqueles que se acham machões e que colocam no perfil que não curte afeminados, afetados e outras coisas que eles chamam. Eles acham que falando isso ou querendo isso, fazem parecer como se fossem mais homens do que os outros (João, usuário do app Hornet, 21 anos, negro, homossexual, solteiro, estudante universitário, residente da cidade de Cruz das Almas e sexualmente passivo. Entrevistado em 15/05/2018).



**Marco Antonio Vieira de Oliveira PARANHOS, Maria Salete de Souza NERY.**

Como aqueles que não curtem afeminados também e os tratam mal! Porque ser feminino aqui é errado (...) Já fui tratado mal aqui. O cara conversou bastante comigo, *tava* boa a conversa. Estávamos até marcando de se encontrar. Até que eu disse que era um pouco afeminado. *Dá* ele parou de falar no exato momento em que disse isso. E começou a me ignorar. Acho que ele me bloqueou também. Eu me senti estranho com isso. Achei feio da parte dele! Isso ocorre muito por aqui! (...) Os afeminados não são valorizados. A maioria dos perfis tem: Não aos afeminados! (Ricardo, usuário do app Grindr, 21 anos, negro, homossexual, solteiro, estudante universitário, residente da cidade de Cruz das Almas e sexualmente versátil. Entrevistado em 20/03/2018).

Nada contra, mas pessoas másculas que não sejam afeminadas pelo menos um pouco. É questão de gosto, atração mesmo (Junior, usuário do app Grindr, 19 anos, negro, bissexual, solteiro, estudante nível técnico e vendedor, natural da cidade de Santo Amaro e sexualmente versátil. Entrevistado em 23/05/2018).

Acho que há uma forma violenta, agressiva de se dizer o que se prefere. Tem pessoas que não curtem afeminados, e dizem isso de forma agressiva, tipo, afeminados nem tentem, afeminados não tem vez, afeminados vão para o próximo perfil. Coisas deste tipo... (Rômulo, usuário do app Hornet, 19 anos, negro, bissexual, solteiro, estudante universitário, residente da cidade de Cruz das Almas e sexualmente versátil. Entrevistado em 22/05/2018).

Toda vez que leio “não curto afeminados”, me embrulha o estômago. Todo gay tem um nível de feminilidade, ninguém escapa dos trejeitos, e tem uma porrada de viado se fazendo macho. Acho isso errado! (Rafael, usuário do app Hornet, 18 anos, negro, homossexual, solteiro, estudante universitário, residente da cidade de Santo Amaro e sexualmente passivo. Entrevistado em 17/06/2018).

Em relação à abjeção sumária dos sujeitos afeminados, presentes na maioria dos discursos, tanto em níveis de apresentação e autoidentificação, quanto em relação às interações e critérios de busca, observa-se que, a qualquer sinal de afeminamento, as interações nos aplicativos tornam-se passíveis de serem findadas. Enquanto uma cultura emergente nos aplicativos, os perfis são construídos sob as lógicas normativas de gênero e sexualidade, disseminando discursos e práticas contaminadas pelo machismo, heterossexismo e homofobia, além da constatada aversão aos afeminados.

Os elementos visuais e discursivos utilizados nesses espaços são de exclusão sumária dos usuários afeminados, ao passo em que há a supervalorização constante daqueles que se enquadram nos padrões estabelecidos de “macho”, ligados aos aspectos socioculturais da heteronormatividade, virilidade e masculinidade hegemônica. Percebem-





se, assim, as denúncias de violências simbólicas expressas contra as pessoas afeminadas no interior dos aplicativos de relacionamento, manifestadas nas opiniões de João, Rafael, Ricardo e Rômulo sobre as apresentações e os critérios de busca na região do Recôncavo Baiano.

Somado aos critérios de gênero e sexualidade, o fator racial é sem dúvidas um dos grandes diferenciais no contexto analisado perante os demais estudos sobre homosociabilidade e aplicativos de relacionamento, em realidades empíricas de maioria branca. A região do Recôncavo, sendo composta por maioria negra, entre pretos e pardos, traz a materialidade de tal realidade no contingente dos perfis geolocalizados nesse território.

Em seu artigo *O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo* (2014), Faustino retoma os estudos de masculinidade hegemônica, realizados por Raewyn Connell e Michael Kimmel, porém com ênfase sobre as masculinidades negras:

A noção de padrão de masculinidade hegemônica busca reconhecer que embora haja uma norma dominante, as pessoas transitam por elas de formas distintas, sejam motivadas por outras contradições – raça, classe, região, geração, etc. –, seja pela própria trajetória e agência individual. Assim como não há uma única masculinidade, não há uma única masculinidade negra, mas é pertinente alertar para o fato de que, embora existam negociações e subversões de toda ordem, o exame da “norma” abre-nos possibilidade de uma agência menos ingênua da própria trajetória (FAUSTINO, 2014, p. 77).

A análise de Faustino reforça a questão de que, primeiramente, a construção da masculinidade do homem negro passa pelo viés racial, no qual há uma supressão de sua humanidade, sob os interesses da ideologia perpetrada pela branquitude. Em segundo, há a construção de diversas formas de masculinidades negras, em particular nesse estudo por meio dos homens negros gays e bissexuais. Em uma sociedade racista, os ideais de masculinidade tornam-se inteiramente pautados nos ideais da brancura, e com ela repousam todos os privilégios possíveis. Assim o homem branco torna-se a expressão universal da concepção de masculinidade (FAUSTINO, 2014, p. 88).

O deslocamento, nesse sentido, confere em pensar como o gênero intersecta-se com essa gama de identidades, em especial as raciais, e o modo pelas quais essas intersecções acontecem (CRENSHAW, 2002, p. 174). A interseccionalidade, enquanto um conceito sociológico, trata da forma como essas práticas específicas são estruturadas ao longo de



diferentes marcadores sociais, como gênero, raça, classe e sexualidade, ao constituir os aspectos dinâmicos e ativos dessas estruturas de poder que se sobrepõem e se cruzam, ao criarem, assim, intersecções complexas nesse quadro, enquanto ruas e avenidas que se encontram, entre os diferentes eixos de subordinação. Os homens racializados, frequentemente, estão posicionados em uma estrutura em que raça, classe e gênero se encontram e, por consequência, estão sujeitos a serem atingidos pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias<sup>9</sup> (op. cit., p. 177).

O reflexo desse cenário recaiu, diretamente, sobre o campo afetivo, em que as relações afetivas instauradas de diversas ordens, tanto na esfera do gênero, quanto da sexualidade, são afetadas pelas marcas da masculinidade hegemônica, ao provocar impasses socioculturais e psicológicos para as diferentes formas de masculinidades, em particular aqui na realidade dos homens negros do Recôncavo. Entre os homens negros gays e bissexuais, esse tipo ideal de construção masculina, pautado na heterossexualidade e na branquitude, reverbera tanto na construção de sua identidade racial, quanto nas intersecções estabelecidas com o gênero, a sexualidade e a afetividade, causando conflitos diversos nesses três segmentos.

Nos aplicativos de relacionamento, em especial no seu uso georreferenciado no território do Recôncavo Baiano, um território negro por excelência, a busca por parceiros amorosos e sexuais vai se estabelecer sempre em um viés racializado, e por muitas vezes de forma dicotômica (entre brancos e negros), principalmente através da apresentação da identidade racial, tanto nas formas físicas, quanto por meio dos recursos simbólicos – visuais e descritivos. Além disso, as instâncias racializadas também operam em relação às interações desenvolvidas, como tratado anteriormente, e nos diversos critérios de busca dos perfis.

Nessa mesma linha, os aplicativos também oferecem certos “filtros raciais”, no intuito de segmentar a busca por determinadas tipologias masculinas pautadas na raça. Em relação às buscas racializadas no Recôncavo, alguns dos relatos dos colaboradores desta pesquisa foram:

---

<sup>9</sup> Apesar de elaborar o conceito em torno da realidade vivida pelas mulheres negras, de forma global, a própria Crenshaw (2002, p. 178) infere que as mulheres não são as únicas vítimas de tal subordinação interseccional. Estereótipos racializados de gênero também foram (e ainda são) usados contra homens negros, em outras formas de opressão interseccional.



## OS USOS SOCIAIS DOS APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO: INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NO RECÔNCAVO BAIANO

Gosto de pessoas morenas. A pele bronzeada é o que me atrai mais! (Antonio, usuário do app Grindr, 22 anos, negro, homossexual, solteiro, estudante universitário, residente da cidade de Cruz das Almas e sexualmente versátil-ativo. Entrevistado em 20/03/2018).

Homens brancos me atraem bastante. Não que negros não me interessam, é apenas questão de gosto! Também não significa que eu deixaria de ficar ou namorar alguém por ser negro, sendo que eu também sou e me aceito muito bem. Como disse e repito, é só uma questão de gosto, assim como tem pessoas que curtem os negões (Pedro, usuário do app Grindr, 22 anos, negro, homossexual, solteiro, estudante universitário, residente da cidade da Cachoeira e sexualmente versátil. Entrevistado em 06/06/2018).

O gosto, como desenhado por Pierre Bourdieu (2008), torna-se um produto das condições sociais presentes, vinculado às imposições e imperativos da vida social. Para o sociólogo, o gosto é orientado pela cultura em que o indivíduo se localiza e pela sua trajetória social estabelecida, sendo resultado de diversas relações de poder, estruturadas no interior dos campos sociais simbólicos. Nesse sentido, o gosto torna-se o meio de classificar as coisas ao redor, desenvolver distinções diversas e instituir os diferentes estilos de vida.

Se o padrão societário é o da branquitude, por exemplo, logo esse será o marcador racial que orientará a construção dos gostos de todas as classes. O gosto por determinado tipo de masculinidade ou performance sexual, em um ambiente como um aplicativo de relacionamento, será sempre racializado, sendo que, em muitas vezes, o padrão definido será por meio da figura do homem branco. Ir de contra a maré, dessa forma, significa desviar da hegemonia e construir gostos paralelos ao padrão instituído, seja ele de masculinidade, raça e/ou sexualidade.

O universo dos aplicativos, como afirma Miskolci (2017, p. 221), se encontra estruturado em torno de uma economia contrabalaneada pelo mercado afetivo imposto, no qual vigora uma competição generalizada entre os perfis: daqueles tidos como os mais “desejáveis” em detrimento das várias formas de discriminação, rejeição e frustração que os outros perfis encontram, principalmente aqueles que destoam dos padrões socialmente instituídos e reproduzidos no interior dessas mídias. O uso de dispositivos digitais para a busca por parceiros afetivos insere o usuário em um mercado regido por valores e ideais preexistentes, que são comercialmente moldados.

O ambiente on-line, dessa forma, tende a promover as mesmas configurações de preconceito e discriminação presentes na constituição



da própria comunidade gay, externas à realidade dos próprios aplicativos, como o racismo, a gordofobia, a efeminofobia e a transfobia, principalmente ao serem realizadas em práticas intersectadas. Não foram os aplicativos que impuseram esses modelos corporais e estéticos ou demais critérios de seleção dos parceiros. Eles apenas tornaram mais perceptíveis a existência dos mesmos para os usuários que os consomem, sob os quais encontram formas distintas de lidar com essas questões: alguns ao aderir a mídias específicas para o seu tipo corporal ou prática afetiva; outros ao tentar negociar suas diferenças ou ainda aqueles que adotam comportamentos específicos ao lidar com os aspectos dominantes desse campo afetivo.

## **Considerações finais**

Ao trazer os resultados finais dessa incursão etnográfica nos aplicativos de relacionamento voltados para o público homossexual masculino no Recôncavo Baiano, este artigo pretendeu remontar às novas elaborações mediante o cenário de consumo e circulação desterritorializada sobre a respectiva geografia urbana, promovido pelo advento tecnológico, ao introduzir novas agências afetivas e novos espaços de homosociabilidade, inclusive para os encontros físicos efetivos na realidade prática, ao driblar as imposições do conservadorismo vigente, principalmente no contexto dessas cidades interioranas.

Os aplicativos de relacionamento explicitaram a demanda por parceiros, através da viabilidade de novas formas de agência afetiva e pela expansão das possibilidades relacionais, eróticas e conjugais, dentro e fora do ambiente on-line, ao mesmo tempo em que promoveram a segmentação do mercado afetivo e a reprodução de certos estigmas e preconceitos, através da seleção de parceiros específicos, pautada em marcadores identitários como raça, geração, corporalidade, gênero e sexualidade, ao privilegiar certos padrões associados à construção do ideal de masculinidade hegemônica.

Essas novas mídias digitais afetivas permitiram a constituição de verdadeiras redes afetivas. O sentimento de agência, de estar em um espaço, até então inovador, em que se pode desejar e ser desejado pelos outros, por si só já se configura em uma nova prática de prazer e satisfação das necessidades de consumo afetivo. Além disso, a busca por parceiros afetivos em um aplicativo de relacionamento também pode se configurar em uma forma de se obter reconhecimento das sexualidades dissidentes,



## OS USOS SOCIAIS DOS APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO: INTERSECCÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NO RECÔNCAVO BAIANO

associado a um reconfortante sentimento de normalidade na paquera e na vivência das sexualidades com a adequação social (MISKOLCI, 2017, p. 126-127). Ademais, constituem-se, também, enquanto novas formas de falar sobre homo-orientações, masculinidades e raça, assim como o estabelecimento de outras formas afetivas entre homens, não necessariamente amorosas ou sexuais, em níveis globais, regionais e locais.

Para isso, foi necessária a identificação dos usuários na região do Recôncavo Baiano, seus hábitos e gostos relacionados ao consumo local dos aplicativos de relacionamento e de como estão sendo constituídas as relações sociais estabelecidas nesses ambientes on-line. Por meio de Faustino (2014, p. 83) compreendemos como o Recôncavo Baiano emerge na modernidade, ao levar em consideração o seu caráter colonial, de forma que só o entenderemos em sua complexidade, se entendermos o quanto raça, classe, sexualidade e gênero se imbricam num complexo projeto de poder.

Ao selecionar os homens que possuíam o desejo sexual homo-orientado, principal característica definida no consumo dos *apps gays*, sendo estes residentes de algumas das cidades que integram a região do Recôncavo Baiano, compreende-se como estavam dispostas as intrínsecas relações entre masculinidades, sexualidades e raça na região, a partir do consumo das tecnologias digitais e das diversas interações afetivas, não somente aquelas realizadas por mediação da internet, mas também em relação às mudanças ocorridas nas interações face a face. Constata-se que o consumo dos aplicativos de relacionamento no Recôncavo se dava, principalmente, pela falta de espaços de homossociabilidade nesse território, em conjunto com o conservadorismo, a homofobia e o heterossexismo ainda presentes nessas cidades do interior, na qualidade de impeditivos para as livres expressões dos desejos e das identidades de gênero e sexualidade, principalmente em vias públicas.

Compreender a multiplicidade do Recôncavo por meio desse espectro sociocultural torna-se a chave para interpretar as articulações entre os diferentes tipos de masculinidade e demais elementos identitários, associados às agências afetivas dos usuários dos aplicativos de relacionamento, espaços esses onde a branquitude e o heterossexismo imperam, tornando-se dois dos principais capitais simbólicos acionados nessas formas de interação on-line.





Conforme os estudos similares realizados por Miskolci (2017), os aplicativos de relacionamento instituíram uma nova forma comunicacional das tecnologias de gênero, uma vez que permite o reconhecimento de uma economia afetiva própria, que agrupa as diferentes linhas afetivas aos os perfis e as suas respectivas práticas. O presente relato etnográfico verificou a configuração de um conjunto de códigos, práticas e sentidos compartilhados pelos usuários dessas mídias digitais afetivas no contexto do interior da Bahia, que, de fato, se observa no compartilhamento de uma cultura afetiva específica, fruto de uma organização comunitária em torno da articulação entre as relações afetivas, de consumo e poder (PARANHOS, 2019). Trata-se de um novo olhar sobre essa emergente face das vivências dos sujeitos de sexualidades dissidentes na Bahia, a partir das diferentes trajetórias afetivas, entre o passado e o presente, em relação aos múltiplos usos dessas novas mídias digitais, para a construção de um novo e complexo horizonte relacional.

O debate traduzido por meio deste artigo reconhece a existência dos padrões hegemônicos de masculinidade materializados no Recôncavo, em contraste com as suas formas subalternizadas, e as respectivas cobranças e expectativas em torno do gênero, raça e sexualidade, na intersecção com outras contradições sociais e formas de opressão. Além disso, o advento das novas tecnologias geolocalizadas nesse território induz a produção de novos projetos identitários e novas agências afetivas, nas diferentes mesclas sociais, promovidas através das recentes articulações entre tecnologia digital, afetividade e consumo.

## **Referências**

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.



CONNELL; Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, v. 21, n. 01, p. 241-282, jan./abr. 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, v. 10, n. 01, 171-189, jan./jun. 2002.

FAUSTINO, Deivison Mendes. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 75-104.

FINKEL, Eli J.; EASTWICK, Paul W.; KARNEY, Benjamin R.; REIS, Harry T.; SPRECHER, Susan. On-line dating: a critical analysis from the perspective of psychological science. *Psychological Science in the Public Interest*, v. 13, n. 01, p. 03-66, 2012.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, ano 04, n. 09, p. 103-117, 1998.

KIMMEL, Michael. Homofobia, temor, vergüeza y silencio en la identidad masculina. In: VALDES, Teresa; OLAVARRÍA, José (org.). *Masculinidad/es: poder y crisis*. ISIS-FLACSO: Ediciones de Las Mujeres, n. 24, p. 49-62, 1997.

MISKOLCI, Richard. *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2017.

MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. *Lua Nova*, n. 91, p. 269-295, 2014.

MOWLABOCUS, Sharif. *Gaydar culture: gay men, technology and embodiment in the digital age*. Burlington: Ashgate. 2010.

PARANHOS, Marco Antonio V. de O. *De olho no boy: identidades, consumo e afetividade em aplicativos de relacionamento*. 2019. 242 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento) - Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019.



**Marco Antonio Vieira de Oliveira PARANHOS, Maria Salete de Souza NERY.**

PEDRÃO, Fernando Cardoso. Novos rumos, novos personagens. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998. p. 219-239.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos termos em pesquisas qualitativas na internet. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, v. 01, p. 01-15. Manaus: UFAM, 2013.

SECRETÁRIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL (SDR). *Perfil Sintético dos Territórios de Identidade da Bahia: Recôncavo*. Governo da Bahia. 2015. Disponível em <[http://www.portalsdr.ba.gov.br/intranetsdr/model\\_territorio/Arquivos\\_pdf/Perfil\\_Recôncavo.pdf](http://www.portalsdr.ba.gov.br/intranetsdr/model_territorio/Arquivos_pdf/Perfil_Recôncavo.pdf)>. Acesso em 20 de maio de 2020.

ZAGO, Luiz Felipe. *Masculinidades disponíveis.com: sobre como dizer-se homem gay na internet*. 2009. 227f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

## The social uses of relationship apps: intersections between gender, sexuality and race in Recôncavo Baiano

**ABSTRACT:** The present article reassemble on the theoretical and empirical discussions realized after the conclusion of a social research developed between 2017-2019, which culminated in the construction of a master's dissertation in social sciences entitled *With eye on the boy: identities, consumption and affectivity in relationship apps*. The main axis of this investigation revolves around the analysis of the social uses of relationship apps (Grindr, Hornet and Scruff) by gay and bisexual men residents in the different cities that composes the Recôncavo Baiano, region surrounding the All Saints' Bay. The analysis, above all, evidences the identity aspects of these users (gender, sexuality, generation and race), the power and consumption relationships established throughout these platforms and the structuring of a social, symbolic and affective field for the social group in question, through the various interactions developed in the referent online places. Insofar as it promotes the reconstitution of the preponderant arguments of the research, this article also seek to explicit the differences present in the use of these technologies from the interior context, in comparison with same homoaffective negotiations established in the capital of Bahia and other urban centers in the country, and how these regional markers influence, directly, the structural framework of this field and its social-affective practices.

**KEYWORDS:** Relationship Apps. Masculinities. Homosexualities. Racial Relations. Recôncavo Baiano.

**Marco Antonio Vieira de Oliveira PARANHOS**

*Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (PPGCS/UFBa). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (PPGCS/UFRB). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Membro dos grupos de pesquisa: Corpo, Socialização e Expressões Culturais (ECCOS - UFRB) e Laboratório de Humanidades Digitais (LabHD – UFBa).*

**Maria Salete de Souza NERY**

*Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBa). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), onde é Professora Associada II; e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Socialização e Expressões Culturais (ECCOS/UFRB) e pesquisadora do Grupo Cultura, Memória e Desenvolvimento (CMD/UnB). Membro do Comitê Editorial do periódico Arquivos do CMD (UnB).*

*Recebido em: 25/06/2020*

*Aprovado em: 27/01/2021*